



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA - UNIFAEMA

STEFANI BISPO DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL DA MULHER NO MERCADO DE
TRABALHO CONTEMPORÂNEO**

**ARIQUEMES - RO
2022**

STEFANI BISPO DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL DA MULHER NO MERCADO DE
TRABALHO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Psicologia do
Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA
como pré-requisito para obtenção do título
de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Esp. Kátiuscia
Carvalho de Santana

**ARIQUEMES - RO
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237r Santos, Stefani Bispo dos Santos.
Reflexões sobre a saúde mental da mulher no mercado de trabalho contemporâneo. / Stefani Bispo dos Santos. Ariquemes, RO: Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA, 2022.
42 f.
Orientador: Prof. Esp. Kátiuscia Carvalho de Santana.
Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Psicologia – Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA, Ariquemes/RO, 2022.

1. Trabalho Feminino. 2. Saúde Mental. 3. Pandemia. 4. Saúde da Mulher. 5. Mercado de Trabalho. I. Título. II. Santana, Kátiuscia Carvalho de.

CDD 150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

STEFANI BISPO DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL DA MULHER NO MERCADO DE
TRABALHO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Psicologia do
Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA
como pré-requisito para obtenção do título
de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Esp. Kátiuscia
Carvalho de Santana

BANCA EXAMINADORA

—

Prof. Esp. Kátiuscia Carvalho de Santana
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA

Prof. Me. Yesica Nunez Pumariega
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA

Prof. Me. Jessica de Sousa Vale
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva que ele me concedeu chamada vida, por ser o meu sustento do início ao fim.

Sou grata à minha família pelo apoio principalmente a minha mãe que é minha maior incentivadora.

Agradeço à Mestre Natalí Máximo dos Reis que me auxiliou no início desse trabalho.

Por fim agradeço à minha orientadora Especialista Katiuscia Carvalho de Santana. Obrigada por me manter motivada durante todo o processo.

RESUMO

O presente trabalho está estruturado com base em algumas reflexões sobre a saúde mental da mulher no mercado de trabalho contemporâneo, bem como os desafios enfrentados em meio as demandas modernas. Visa debater a relação da mulher com o trabalho no âmbito do gênero, da divisão sexista do trabalho e dos impactos psicológicos causados na mulher trabalhadora. Tem como objetivo discutir o problema da mulher na contemporaneidade, abordando o processo histórico das lutas em torno da busca da ascensão social e de uma posição respeitada no mundo do trabalho, discute as relações de trabalho da mulher, bem como suas múltiplas jornadas e as dificuldades encontradas no processo de busca por espaço, justiça e igualdade salarial. Trata-se de uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo com abordagem qualitativa. Faz um recorte das relações de trabalho das mulheres no cenário da pandemia da Covid-19 e discute os impactos causados na vida de mulheres da classe trabalhadora, considerando os desafios enfrentados e o acúmulo de demandas de trabalho associadas ao medo, incertezas, inseguranças, desemprego e os cuidados com o outro. Por fim expoe a importancia de gerar debates e discussões em torno da mulher no ambito de trabalho.

Palavras-chave: Trabalho feminino; Saúde mental; Pandemia.

ABSTRACT

The present work is structured based on some reflections on women's mental health in the contemporary job market, as well as the challenges faced in the midst of modern demands. It aims to discuss the relationship between women and work within the scope of gender, the sexist division of labor and the psychological impacts caused on working women. It aims to discuss the problem of women in contemporary times, addressing the historical process of struggles around the search for social ascension and a respected position in the world of work, discusses women's work relationships, as well as their multiple journeys and difficulties found in the process of searching for space, justice and pay equity. This is a descriptive literature review with a qualitative approach. It outlines the work relationships of women in the context of the Covid-19 pandemic and discusses the impacts caused in the lives of working-class women, considering the challenges faced and the accumulation of work demands associated with fear, uncertainties, insecurities, unemployment and caring for others. Finally, it exposes the importance of generating debates and discussions around women in the workplace.

Keywords: Female work; Mental health; Pandemic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 METODOLOGIA	11
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
4.1 BREVE HISTÓRIA DA LUTA FEMININA: A CONSTRUÇÃO DA MULHER ATUAL	12
4.1.1 A construção da mulher na atualidade	15
4.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO FEMININO E A SAÚDE MENTAL	18
4.2.1 A desigualdade salarial e saúde mental das mulheres	21
4.2.2 Assédio no trabalho e saúde mental da mulher	25
4.3 A MULHER, SAÚDE MENTAL E PANDEMIA COVID-19: A ARTE DE SE REINVENTAR	27
4.3.1 Mulher e trabalho no contexto da pandemia	31
5 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A história das lutas da mulher se dá na vida de cada uma, desde as antepassadas que começaram a empunhar as bandeiras até as mulheres atuais que sobrevivem diariamente nas demandas de luta e de cuidados com o próximo. (TOLEDO, 2009).

Quando se pensa na mulher no mundo do trabalho, corre-se o risco de cair no determinismo social de uma mulher que é forte, dá conta de tudo, é multitarefas e consegue resolver todos os problemas com olhar feminino, sensível e delicado. Mas nem sempre se percebe os impactos negativos que o peso desse mundo exerce sobre a vida dessa “heroína” que carrega o mundo. (TOLEDO, 2009).

Pensar em mulher nas relações sociais é proporcionar um diálogo com diversas questões que atravessam suas vidas, ao analisar a vida e a história da mulher nos contextos históricos e sociais, são muitos os assuntos que podem ser abordados e que precisam ser discutidos, pois a vida, a história e a luta da mulher estão pautadas em uma trajetória delicada, mas carregada de muita força e perseverança. Discutir as questões sociais femininas é uma necessidade do mundo moderno, considerando todos encontros das mulheres e a forma como sua história tem sido escrita. (COSTA; ANDROSIO, S/D).

Sistematizar a luta, a história e as questões da vida da mulher correlacionando-a com a psicologia é um assunto que rende bastante discussão e que denuncia uma trajetória de descaso, de silêncio e de omissão de todo um mundo frente as dificuldades cotidianas da vida da mulher moderna. Mas ao mesmo tempo, traz um anúncio da força, da resiliência e da resistência daquela que historicamente vem se desafiando no processo de construção da sua luta social e da conquista pelo seu espaço no mundo.

Esse trabalho visa discorrer sobre a história de luta das mulheres no que se refere ao mundo do trabalho, discutir a realidade da mulher trabalhadora e analisar os impactos causados ao longo desse processo e na atualidade sobre a saúde mental da mulher trabalhadora.

O interesse pelo tema deu-se por perceber o número de mulheres que ocupam os espaços nas empresas, que é uma parte significativa, mas em contrapartida, um número menor ocupando os espaços de poder e decisão; se deu ainda, por conta de a trajetória da autora não estar dissociada da trajetória das mulheres que ocuparão estas páginas, trata-se de uma mulher trabalhadora que está inserida nas múltiplas jornadas de trabalho e conhece de perto o trabalho invisibilizado. O interesse nasce sobretudo, do desejo de dar sequência aos relevantes trabalhos que inspiraram esta pesquisa, considerando que este tema é absolutamente atual.

Discutir a questão feminina é necessário nos dias atuais, pois a mulher ocupa os espaços externos do mundo do trabalho, as jornadas diárias de trabalho doméstico e é invisibilizada no seu dia a dia, bem como invisíveis também são suas múltiplas jornadas (ZART, 2019).

A relevância dessa pesquisa está no quanto é necessário analisar as condições de trabalho em que a mulher está inserida, no quanto é urgente discutir as diferenças salariais entre os gêneros, no quanto as mulheres estão evoluindo em seus espaços laborais, mas em contra partida o desgaste causado por elas assumirem demandas que estão acima dos seus limites físicos e mental.

Não há aqui a prepotência de fomentar uma conscientização no que diz respeito às questões da mulher, as relações de gênero, trabalho e patriarcado, mas há no texto elementos suficientes para amparar um debate e provocar um olhar sensível e humano em relação ao tema abordado.

O presente trabalho tem como objetivo discutir a questão da mulher no mundo organizacional. Visa debater a relação da mulher com o trabalho no âmbito do gênero, da divisão sexista do trabalho e dos impactos psicológicos causados na mulher trabalhadora.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Correlacionar o impacto na saúde mental das mulheres mediante as relações de trabalho no âmbito feminino.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a mulher na contemporaneidade;
- Discorrer sobre as relações de trabalho e a questão de gênero;
- Identificar os impactos das relações de trabalho na saúde mental da mulher no contexto da pandemia da Covid-19.

3 METODOLOGIA

O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado com enfoque na abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico. A abordagem qualitativa ocupa um lugar de destaque no meio acadêmico, considerando que a partir dela poderão ser desenvolvidas pesquisas de campo, estudos de caso e pesquisa documental (GODOY, 1995).

Este tipo de pesquisa se pauta no aprofundamento de leituras e de pesquisas que foram se constituindo ao longo do tempo. Entretanto, é preciso muito cuidado e rigor científico para que trabalhos elaborados a partir desta abordagem se constituam com qualidade. Para construir este trabalho, foi utilizado o método da pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento de bibliografias seguras.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo realizado por meio das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Librari (SciELO), e Ministério da Saúde (MS). O presente trabalho de conclusão de curso-TCC usou como referências artigos científicos.

A pesquisa dos materiais foi realizada de agosto de 2021 a setembro de 2022. Quanto ao esboço temporal das referências empregadas neste trabalho foram selecionados artigos publicados entre 2003 a 2021 e tendo como descritores: trabalho feminino, saúde mental e pandemia. Os critérios de inclusão para a seleção das referências foram: trabalhos completos em português, e que abordasse a temática proposta. Os critérios de exclusão consistiram em: materiais publicados anteriormente a 2003, e que fossem incoerentes com o delineamento do estudo, ou que não estivesse disponível na íntegra.

O estudo buscou-se um recorte temporal de cinco anos, porém por necessidades de maior entendimento da temática no contexto histórico, decreto e portarias, alguns autores à parte do recorte temporal foram citados devido sua importância no delineamento do processo de saúde da população aqui abordada.

Ao decorrer da busca por materiais, foram pesquisadas e encontradas 80 obras. Deste total, foram utilizadas 47, sendo 34 (80%) eram artigos científicos, 02 (2%) trabalho de conclusão de curso, 07 (10%) periódicos divulgados em revistas eletrônicas, 04 (8%) livros.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 BREVE HISTÓRIA DA LUTA FEMININA: A CONSTRUÇÃO DA MULHER ATUAL

A história da mulher se dá pautada em violências, opressão e dor, uma história construída sob os pilares do patriarcado, mas retomada com base em muita luta, resistência e perseverança. O ser mulher na sociedade vem passando por diversas transformações de acordo com suas histórias de luta e suas demandas conjunturais.

Quando se pensa na mulher em sociedades mais antigas, imediatamente se remete a uma mulher completamente comprometida com os afazeres domésticos, a criação dos filhos e ao cuidado com o marido, totalmente tutelada por um homem de quem dependia financeiramente, sofrendo todos os tipos de violências possíveis. A condição da mulher era uma condição muito semelhante as de mulheres escravizadas, ser livre era um privilégio exclusivo masculino. (ENGELS, 1975).

A condição da mulher na realidade atual mudou muito, logo que para às mulheres eram negados direitos básicos como o de votar, estudar, viajar sozinhas entre outras questões que se comparadas ao atual contexto em que as mulheres estão inseridas seriam considerados inadmissíveis. (SCHNEIDER, 2017).

A origem da opressão feminina se dá no berço da sociedade patriarcal, sociedade em que o poder está centralizado na figura masculina, essa opressão levou a mulher por séculos a pensar que ela nasceu para ser mãe, dona de casa e resumir suas tarefas ao cuidado do lar, dos filhos e de um marido que era provedor financeiro e que por isso se sentia no lugar de dono dela. (TOLEDO, 2009).

Foi educada para aceitar passivamente essa condição submissa como se isso fosse o natural, o ideal, o correto. E por um longo período histórico, o único lugar que a mulher ocupou na vida era esse lugar de opressão em que até suas próprias decisões precisavam passar pelo crivo de um homem com quem ela era casada, e junto a isso aceitar as maiores opressões possíveis. (SANTOS, 2010).

Com o passar do tempo essa relação foi tomando outros rumos. Durante a Revolução Industrial, foi ganhando força o número de mulheres que passaram a ocupar o mundo do trabalho e passaram a atuar nas fábricas como trabalhadoras e operárias ao lado dos homens, o que não se pode dizer também que inicialmente tenha sido uma tarefa fácil.

É preciso pensar, portanto, que essa ida da mulher para o mundo do trabalho não se deu simplesmente fora dos espaços de luta. MORAES (2012, p. 259) afirma que “a inserção da mulher no mercado de trabalho, historicamente, ganhou legitimidade no momento em que a situação econômica das famílias não permite ao homem sustentar sozinho a casa”.

A autora traz uma reflexão importante: a expansão capitalista foi piorando a situação financeira das camadas mais populares e os homens da classe trabalhadora com estratificação social mais baixa passaram a não dar mais conta de sozinhos manterem o sustento de suas famílias, o que despertou a necessidade de que suas esposas também passassem a ocupar as vagas de trabalho nas fábricas, nas indústrias a fim de contribuírem com as demandas financeiras da família.

O que gerou durante esse processo a inserção das mulheres no mundo do trabalho, a princípio, como uma alternativa para contribuir nas questões financeiras da família, e em contrapartida, uma ação importante para o início do pensamento e das lutas em torno da liberdade feminina. (MORAES, 2012).

Essa inserção da mulher no mundo do trabalho também lhe pesou muito, pois certamente ela precisou enfrentar todos os tipos de opressão, preconceito e violências dentro dos espaços de trabalho que vão desde as opressões mais diretas como agressões físicas e verbais quanto a desigualdade salarial.

As empresas passaram a preferir contratar mulheres porque elas exerciam as mesmas funções, desempenhando as mesmas tarefas que os homens, ou em muitos casos em posições ainda mais subalternas, mas com remuneração menor, de acordo com Toledo (sem data):

O Capital confiscou a mão-de-obra feminina para fazer a máquina render mais; nas grandes concentrações fabris trabalhavam, lado a lado, homens e mulheres. Ela era superexplorada devido à dupla jornada e recebia salário inferior porque na família patriarcal o salário da mulher é visto como complementar ao do homem. (TOLEDO, S. D. p. 16.).

A autora deixa claro que a inserção da mulher no mundo do trabalho tem um preço e o custo é alto. A mulher sai da sua casa para enfrentar novas formas de violência e de desigualdades sociais, nas quais ela é ainda mais explorada que nas relações familiares e nessa fase ainda é vista como um ser inferior que não merece receber os tratamentos que o homem. (TOLEDO, 2009).

Mas a história da mulher não se dá apenas em sua inserção nas relações de trabalho. A mulher, mesmo sendo sujeito da sua própria história, uma pessoa com vida financeira ativa, atuante no mundo do trabalho e galgando os passos da sua independência financeira, ela ainda não exercia outros direitos como o direito ao voto, por exemplo. Na história da mulher, a briga pelo direito de votar é um capítulo que não pode passar despercebido em nenhuma hipótese.

Em análise, a situação é a seguinte: fala-se de um indivíduo que era responsável por todas as demandas internas de uma família, que vai desde a criação e condução da educação dos filhos aos cuidados com o marido e com os afazeres domésticos e finalmente atuante nas relações de trabalho, logo economicamente ativa, mas não podia fazer parte dos processos de decisão dos rumos do seu país, ou seja, não podia ainda exercer o direito ao voto. (GLÓRIA, 2015).

Continuava vivendo em uma sociedade em que além dos homens tomarem as decisões sobre todas as demandas políticas, apenas os homens tinham direito de escolher quem seriam os outros homens que tomariam essa decisão. (AZEREDO, 2010).

Pode-se arriscar que a luta feminina de maior projeção foi a luta pelo voto, essa luta uniu mulheres de todo o mundo em prol do mesmo objetivo. É importante pensar que essa foi uma luta que atravessou séculos e a resistência da burguesia em abrir a democracia para todas as camadas e todas as classes se resumia em manter a democracia essencialmente burguesa. Ou seja, apenas homens brancos e ricos deveriam definir os rumos da sociedade. (TOLEDO, 2009).

O Movimento Sufragista, que é esse movimento de luta pelo voto feminino começou em meados do século XIX e atravessa o século XX pautado em muita luta, muita resistência das mulheres atuantes. O movimento começou como uma reivindicação de mulheres burguesas, mas que despertou o interesse das mulheres da classe trabalhadora. O movimento iniciou-se nos Estados Unidos e tomou o mundo, é considerada a primeira luta de caráter internacional, onde mulheres de todo o mundo se uniram para defender uma mesma bandeira. (TOLEDO, 2009).

A conquista do direito ao voto, apesar de ter sido uma luta de caráter internacional, não se deu ao mesmo tempo, vários países foram aos poucos vendo suas reivindicações atendidas em diferentes tempos. O Brasil foi um dos países mais tardios, enquanto os demais países foram ganhando a luta do início dos anos 1900, aqui, o direito ao voto para a mulher é uma conquista muito recente, se deu em 1932

durante o governo Getúlio Vargas que promulgou um Novo Direito Eleitoral incluindo a mulher como ser votante. (MARQUES, 2019).

Pode-se tomar como reflexão o fato de que apesar das muitas conquistas que a mulher foi conseguindo ao longo dos séculos, nada ainda lhes garantia uma independência real. De acordo com Menuti (S.D).

Se a mulher e o homem eram iguais perante a razão e, seres humanos, então, logicamente, eles deveriam ser igualados na perspectiva social e de direitos. Uma das mais esperadas consequências da revolução é que ela selasse o destino feminino, fazendo com que as mulheres fossem, nesse momento, vistas como sujeitos de direitos, o que efetivamente não ocorreu. (MENUTI, S/D p. 3).

A autora levanta um debate importante no que tange a essa conquista do voto, o que se esperava dessa luta é que com ela as mulheres passassem imediatamente a serem um sujeito de direitos e não foi o que aconteceu, a sociedade permaneceu com seu comportamento patriarcal e grotesco no que diz respeito a liberdade de direitos e quaisquer outras questões femininas.

A luta que as mulheres enfrentaram em suas questões coletivas e individuais não despertaram no restante da sociedade a consciência que elas tinham de si mesmas, da sua importância e da trajetória que elas estavam traçando. (MENUTI, S.D.)

4.1.1 A construção da mulher na atualidade

Todo esse processo de lutas e de conquistas mencionados no texto, leva à reflexão em relação a posição atual da mulher na sociedade e pode-se afirmar que a posição em que a mulher se encontra hoje certamente é resultado das muitas lutas travadas pelas mulheres que nos antecederam e são essas lutas que constituem as atuais relações sociais femininas. (MORAES, 2012).

A mulher moderna não é apenas uma mulher que é fruto das lutas anteriores, ela ainda trava cotidianamente lutas individuais e coletivas por direitos, por espaço, por igualdade e por justiça, numa sociedade em que apesar das mudanças, dos avanços e de toda modernização ainda está repleta de comportamentos violentos,

opressores, injustos e desiguais quando o assunto é gênero, identidade, pluralidade. (VIEIRA, 2005).

Quem é a mulher atual? Como está constituída sua identidade? Como ela se posiciona na sociedade? São questões como essas que irão ajudar a compreender as questões atuais da mulher e pensar sua condição de vida atual. A mulher moderna é uma mulher que exerce trabalho remunerado fora do lar, exerce trabalho não remunerado dentro do seu lar, é mãe, política, professora, advogada, esposa, solteira, empregada doméstica, entre tantas profissões. Mas sobretudo um ser que reconhece seus direitos e sabe exatamente onde quer chegar e qual é o ponto de partida.

A vida da mulher moderna não é de longe mais leve que a vida da mulher que deu início às primeiras lutas por direitos. (MORAES, 2012). As mulheres dessa nova geração enfrentam igualmente problemas graves relacionados a violência e opressão, mas com a vantagem de estarem inseridas em uma sociedade em que lhes dá voz e ouvidos garantidos por lei, de acordo com Costa e Androsio (S/D):

Devido às mudanças ocorridas ao longo dos anos na vida da mulher tanto no sentido profissional quanto no pessoal, a mulher hoje em dia tem sido mais independente, mudando os hábitos que lhes eram impostos pelo marido, sociedade e pela própria família, onde a sociedade impulsionava os pais a ensinarem às mulheres, desde pequenas, que elas deveriam casar-se para cuidar dos filhos, da casa e do marido (COSTA; ANDRÓSIO, S.D. p. 2).

O que muda essencialmente na vida da mulher dessa nova geração é que ela não é mais considerada socialmente como alguém cuja função primordial seja os cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. É evidente que essa função ainda não deixou de ser vista como uma função natural da mulher, o que é um erro, mas essa discussão será mais aprofundada no decorrer do texto.

Hoje a mulher embora não esteja socialmente isenta das cobranças dessa relação com casa e filhos ela já pode escolher exercer outras profissões e atuar na sociedade em outras funções igualmente ou até mais importantes que as funções exercidas por homens. (MARTINI; SOUZA, 2016).

A mulher na sociedade atual está cada vez mais implicada com questões individuais, tem pensado mais em si mesma, está se envolvendo cada vez mais com os cuidados consigo, com investimentos em sua formação acadêmica, saúde e estética. Está atenta nas atualidades políticas e questões sociais e está atuante

em diversas esferas sociais e definindo seu próprio papel, seu próprio lugar no mundo, para Costa e Androsio (S/D):

Os papéis antes eram preestabelecidos dentro da família e, hoje isto já não está acontecendo com tanta frequência. Está existindo uma individualidade onde, pai, mãe ou filho, lutam por seus direitos, igualdades, sua identidade e até mesmo pela sobrevivência de cada um, sem necessariamente deixar de ser família apesar da redefinição dos papéis. (COSTA; ANDROSIO S.D p. 6).

Este questionamento levantado pelas autoras só se dá devido ao reposicionamento feminino diante da sociedade, a mulher agora quer exercer mais que um papel de sujeito do lar, preocupada com a alimentação e cuidados das outras pessoas, ela passa a atuar diretamente nas questões dela e esse reposicionamento obriga os demais a se posicionarem e igualmente partirem em busca das suas questões de forma mais autônoma e individual. (COSTA; ANDROSIO, S/D).

Passados esses tempos após as lutas que deram origem ao posicionamento da mulher hoje, compreendesse que as buscas das mulheres estão pautadas em outros pilares, estão muito mais relacionadas as suas escolhas individuais, em sua realização pessoal, em suas questões particulares e em sua liberdade, autonomia, conhecimento de si e a busca da sua própria felicidade.

A subjetividade da mulher passou a ganhar outra forma, ela agora perpassa o estereótipo de mãe, dona de casa, responsável pela família, essa subjetividade atravessa os desejos femininos individuais e dá notícia de uma mulher mais livre, questionadora, consciente do seu lugar no mundo. (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014).

Esse espaço conquistado ainda permeia lutas dos mais diversos tipos e no qual, sem dúvidas, as mulheres continuam travando essas lutas, mas, se comparado com o estado inicial da mulher enquanto indivíduo ao longo das transformações da sociedade, pode-se chegar à conclusão de que as mulheres são sujeitos de direitos constituídos, o que lhes garante mecanismos que permitem construir caminhos para que outras gerações de mulheres caminhem de forma mais digna, mais leve e mais consciente. (TOLEDO, 2009).

Entretanto é preciso pensar que apesar das muitas conquistas até aqui, a mulher atual não vive um mar de rosas, antes o contrário, ainda há bastantes batalhas a travar e muitas dificuldades enfrentadas no caminho e são essas dificuldades que

serão abordadas nas próximas sessões, com aprofundamento das atuais questões sociais femininas e as consequências psíquicas dessas questões.

4.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO FEMININO E A SAÚDE MENTAL

Uma das principais conquistas ao longo da vida das mulheres certamente foi o direito de trabalhar, de terem o seu próprio dinheiro e de atuarem diretamente na economia, movimentando e circulando as relações de consumo. Não apenas isso, mas a conquista da independência financeira que lhes dá a garantia de viverem sozinhas, caso necessitem, sem precisar estar expostas a abusos, violências, opressões por dificuldade de se manterem sós. (SCHNEIDER, 2017).

Essa entrada da mulher no mundo do trabalho se dá inicialmente pela dificuldade dos homens em manterem as despesas da família, mas com o passar os tempos vai ganhando um novo caráter, considerando que as mulheres passaram a galgar espaços mais privilegiados nas relações de trabalho e lutaram para sair dos trabalhos com estereótipos de empregadas domésticas, operárias de fábricas têxteis, e demais trabalhos que eram divididos sexualmente.

E essas mulheres que foram ocupando o mundo do trabalho passaram a se profissionalizar, ocupar espaços de poder. O que embora venha dando um lugar interessante para as mulheres, sem dúvida vai também aumentando suas cargas de trabalho. (GOLDANI, 1994).

A mulher ao mesmo tempo que passa a ocupar os espaços de trabalho remunerado no mundo capitalista não abandona, por uma imposição social, a responsabilidade que ela tem com a família. A organização da família ainda segue uma lógica patriarcal e a divisão do trabalho dentro de casa infelizmente ainda segue com uma divisão sexual: lavar louça, limpar a casa, cuidar dos filhos ainda são erroneamente consideradas tarefas essencialmente femininas. Com isso, as mulheres enfrentam, após uma média de oito horas de trabalho fora, uma segunda jornada que é a jornada de trabalho no lar. (SOUZA; GUEDES, 2016).

O trabalho doméstico é um trabalho absurdamente injustiçado, pois não há nele uma remuneração, é um trabalho que não foi analisado nas relações de venda da força de trabalho e com isso, infelizmente a segunda jornada de trabalho feminina é uma jornada não remunerada, para Zart (2019):

Essa situação demonstra uma dupla jornada de trabalho feminina, ou seja, uma dupla opressão de classe e gênero. A divisão sexual do trabalho, que destina a mulher ao espaço privado e o homem ao espaço público parece ser inalterável. Embora as atividades domésticas sejam extremamente vitais para a sobrevivência e o bem-estar da família e dessa forma, essenciais para a reprodução da força de trabalho atual e futura e importante para o próprio sistema capitalista, elas são extremamente desvalorizadas. (ZART, 2019, p. 6).

A autora traz o debate da desvalorização que é um debate de extrema importância, mas é sobretudo necessário pensar que apesar de tanta luta, parece que ainda não se dissociou o trabalho doméstico da imagem da mulher. Como a autora mesma coloca, esse trabalho doméstico é essencial para o bem-estar de todos os integrantes da família, mas ele recai sobre a mulher.

Há um consenso social patriarcal, uma convenção equivocada de que a mulher precisa obrigatoriamente chegar em casa e dar conta de toda a organização do lar para o bem-estar coletivo, o que sem dúvidas a adoecerá. O excesso de trabalho, não só na mulher, mas em qualquer ser humano é capaz de provocar questões psíquicas gravíssimas, e nem sempre é tratado com a seriedade necessária para ser combatido (AMARAL; VIEIRA, 2009). De acordo com Silva, Bernardo e Souza (2016):

Devemos ressaltar que o nexos causal entre desgaste mental e trabalho ainda é um grande desafio. (...) é raro que sejam considerados os elementos sociais presentes no processo de saúde/doença psíquica. Assim, as razões do adoecimento são, muitas vezes, atribuídas ao indivíduo, culpabilizando-o e individualizando um problema que é, essencialmente, social. O trabalhador é tratado, nesse sentido, como descuidado e irresponsável frente a acidentes e ao adoecimento, desconsiderando-se pressões, exigências, prazos e outras formalidades que caracterizam o trabalho contemporâneo. (SILVA; BERNANDO; SOUZA, 2016 p. 2).

É importante salientar, de acordo com os autores, que mesmo diante de uma carga excessiva de trabalho, o adoecimento raramente será visto como um adoecimento relacionado as cargas de trabalho formais e não formais, isso pelas empresas empregadoras e em muitas situações pelas próprias trabalhadoras, as mulheres, principalmente entram em uma relação automática de que precisam dar conta de tudo que nem percebem que estão dentro de um ciclo de adoecimento físico e mental completamente desgastante. Silva, Bernardo e Souza (2016) afirmam que:

Devemos, portanto, compreender a complexidade dos diversos patamares, para que os aspectos do trabalho – que podem afetar a saúde mental do trabalhador – sejam tomados como objetos de reflexão, pois, apesar das discussões e dos estudos sobre o tema, os adoecimentos no trabalho continuam em crescimento, configurando-se como um importante problema de saúde pública na atualidade. (SILVA; BERNANDO; SOUZA, 2016, p. 3).

Os estudos apontam para o quanto as relações de trabalho e saúde mental estão sendo agravadas, muitas são as causas dos desgastes emocionais gerados no trabalhador, e quando pensamos em uma mulher, que além de vivenciar as relações opressoras de trabalho no campo profissional ainda se veem em relações de trabalho domésticos não menos estressantes, cansativos e com prazos igualmente curtos.

Pode-se levantar a questão de que o trabalho doméstico não tem relação com o trabalho formal, mas é preciso pensar sobre isso de forma associada sim, é imperativo pensar que o próprio sistema de produção deveria analisar a importância do trabalho doméstico, pois o trabalhador e a trabalhadora só dão conta de estarem no dia seguinte no trabalho porque a vida doméstica lhe deu condições, ou seja, ele só vai trabalhar porque está alimentado, porque tem uma casa limpa para descansar, uma cama limpa para dormir, roupas limpas para o dia de trabalho (TOLEDO, 2009).

E todas essas atividades precisam ser executadas por alguém, esse alguém é a mulher. É a mulher que ao chegar do trabalho vai preparar o jantar e organizar o almoço do dia seguinte, é também a mulher que passará os fins de semana lavando as roupas da família, as roupas de cama, organizando a casa e isso gera nela exaustão física e cansaço mental, pois no dia seguinte, depois de toda essa jornada em casa, ela estará lá, pronta para a jornada fora. (JESUS, 2018).

Considerando que as relações de trabalho externas só são possíveis a partir das relações de trabalho estabelecidas dentro de casa, pois é onde se criam as condições de conforto, segurança e descanso para uma jornada externa, seria justo que dentro da casa, no seio da família, todos e todas tivessem a consciência de que este trabalho é para o bem-estar coletivo.

Infelizmente não é assim que acontece na maioria das vezes, e mesmo nas casas onde todas as pessoas contribuem, à mulher ainda recai o papel de coordenadora das tarefas, a que vai delegar, fiscalizar, cobrar, monitorar e se necessário corrigir. Ainda há a visão sexista de que mesmo depois de uma longa jornada de trabalho as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico, o que lhes

gera, sem nenhuma dúvida, problemas psicológicos consideráveis. (BRUSCHINI, 2006).

4.2.1 A desigualdade salarial e saúde mental das mulheres

Um dos maiores problemas que afetam as mulheres no mundo do trabalho é a divisão sexual do trabalho. Embora o contexto atual seja de uma vida mais moderna com aspectos mais dinâmicos essa divisão ainda está muito presente na vida da mulher atual, divisões retrógradas acerca do que é o trabalho para a mulher e o que é o trabalho para o homem. (SOUZA; GUEDES, 2016).

Esse não é, absolutamente um discurso de palanque, mas ele vem velado em esferas sociais diversas e enraizado na forma de criação patriarcal completamente indutivas entre meninos e meninas. Desde muito cedo, as mulheres são ensinadas a cuidar, tanto é que seus brinquedos são brinquedos que reforçam o pensamento da maternidade, cuidados com as pessoas (bonecas, joguinhos de panela, coleção de maquiagem, réplicas de eletrodomésticos rosas, entre outros). (NASCIMENTO, 2016).

Esse tratamento vai reforçando na menina a ideia de que sua função central será a maternidade, cuidar das crianças, do marido, da casa, cozinhar, limpar, produzir mais e mais para servir sempre, cuidar sempre, em contraposição ao homem, que desde muito cedo seus brinquedos já remetem à liberdade, conquista, poder, são incentivados a brincar com carros e motos de luxo, aviões, espadas, capas de super-herói. O menino quando criança já experimenta o sabor da liberdade, da autonomia, do poder, da certeza de que poderá ganhar o mundo. (ARAÚJO, 2018).

São nessas diferenças criadas socialmente desde muito cedo nas crianças que se percebe enraizadas as culturas da divisão sexual do trabalho. Sem contar ainda, as divisões de trabalho em casa, no momento das tarefas domésticas. Numa casa onde há um casal de crianças, ao organizar as tarefas, a maior parte do trabalho doméstico é conferido à criança do sexo feminino. E a medida em que essas crianças vão crescendo, as responsabilidades, as cobranças também vão ficando maiores para as meninas. (ARAÚJO, 2018)

Desse modo, a menina vai crescendo com essa ideia enraizada de que seu papel na sociedade é o papel do cuidado, da servidão e vai se aproximando de profissões, cujo trabalho demande esse cuidado com o outro. Não porque a mulher entenda que este é o trabalho certo para se inserir, porque seu modo de vida foi todo

em torno de uma perspectiva mais acentuada para essas demandas. (NARVAZ, KOLLER, 2006).

Essas questões ficam ainda mais nítidas quando se analisa os contextos sociais do Século XIX, nas quais, aos homens cabiam estruturalmente uma vida pública, eles detinham os espaços de poder nas relações de trabalho e às mulheres cabiam os espaços privados, que se resumiam aos cuidados com a casa e com a família. De acordo com SOUSA e GUEDES (2016):

Nessa dicotomia entre o público e o privado se consubstanciou a divisão sexual do trabalho, homens provedores e mulheres cuidadoras. Assim, durante um período considerável de tempo, as atribuições sociais, ao mesmo tempo que limitavam as mulheres a permanecerem no espaço privado, delegavam aos homens, como “destino natural”, o espaço público. (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 123).

A forma como a mulher veio experimentando os espaços de trabalho ao longo da sua vida foi sempre desigual e injusta, e historicamente foi sempre negado à mulher espaços onde ela pudesse se expressar de uma maneira mais ampla e onde realmente pudesse ser ouvida.

Outros fatores preponderantes para a questão feminina no mundo do trabalho são a desigualdade em cargos e salários e quadros de assédio moral, sexual, psicológico e de gênero. São situações que mexem com a saúde da mulher pois a coloca em constantes situações de tensão, pressão, desconforto, medo e culpa. (ARAÚJO, 2007).

O primeiro fator que pauta essa discussão é a desigualdade salarial, é muito comum encontrar homens e mulheres nas mesmas empresas, desenvolvendo os mesmos cargos e as mesmas funções atribuídas, mas que recebem salários diferentes. Um estudo entre médicos homens e mulheres, publicado na Revista Médica *BJM Open* aponta que há um abismo muito grande na diferença salarial:

A probabilidade de os homens receberem a maior faixa salarial mensal é maior do que as mulheres para todos os fatores. Quase 80% das mulheres estão concentradas nas três categorias salariais mais baixas, enquanto 51% dos homens estão nas três categorias mais altas. Entre os médicos que trabalham entre 20 e 40 horas por semana, apenas 2,7% das mulheres relataram receber > US\$ 10.762 por mês, em comparação com 13% dos homens. Após ajuste para características do trabalho no modelo de regressão múltipla hierárquica, as estimativas da variável sexo (β) permaneceram, sem

modificações significativas. O efeito final deste modelo completo sugere que a probabilidade de os homens receberem o nível salarial mais alto (\geq US\$ 10.762) é de 17,1%, e para as mulheres é de 4,1%. Os resultados indicam que existe uma diferença salarial significativa entre os sexos no Brasil. (MAINARDI et al., 2018, p. 9).

Este abismo salarial ainda está presente em muitas profissões e isso é um grande fator de risco para a saúde mental das mulheres, afeta significativamente, pois a mulher se vê em um mesmo trabalho, cumprindo a mesma jornada, atendendo a mesma quantidade de pessoas, executando as mesmas atribuições e infelizmente com uma diferença remuneratória evidente.

Essa disparidade dá notícia da opressão feminina no mundo do trabalho, pois estamos falando de desvalorização, opressão, preconceito e desigualdade de gênero e diante disso é muito comum o desenvolvimento de sentimentos como o de impotência, tristeza, angústia, o que sem dúvidas podem desencadear quadros depressivos. (MARIANO; CARLOTO, 2009).

Outra pesquisa realizada pelo Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria, nos anos de 2001~2002, apontam que a diferença salarial entre homens e mulheres afeta diretamente a saúde mental das mulheres, os pesquisadores separaram homens e mulheres por duplas, de acordo com suas funções, atribuições cargos e salários e obtiveram os seguintes resultados

Pesquisadores encontraram resultados ainda mais preocupantes quando compararam a presença de ansiedade. Nas duplas em que as mulheres ganhavam menos que os homens, as chances de ser encontrados casos de transtorno depressivo grave eram mais de quatro vezes maiores entre as mulheres. Quando as mulheres ganhavam mais que os homens, os pesquisadores constataram uma “disparidade substancialmente reduzida” (HOSPITAL SANTA MÔNICA, 2016, texto extraído de site).

A pesquisa traz questões muito interessantes para se discutir, pois mesmo em um país que é considerado a Primeira Potência Econômica Mundial, líder em modernidade, ainda se encontram desigualdades entre os sexos. O que quer dizer que ainda estamos longe de superar questões, cuja bandeira de luta atravessou séculos. Mais grave ainda é pensar que essas situações não estão sendo discutidas com frequência e que nesse tempo as mulheres estão adoecendo psicologicamente sem nenhuma política pública que as ampare.

O estudo traz ainda um ponto importante, no qual afirma que nos casos em que a diferença salarial era maior em favorecimento da mulher, o valor dessa diferença era muito reduzido em comparação aos casos de diferença favorecendo homens. Ou seja, mesmo quando uma mulher tem o reconhecimento pela sua eficácia, sua intelectualidade, sua capacidade de atuação, ela ainda não está no mesmo ponto que um homem pela lógica da desigualdade. (PICANÇO; ARAÚJO, 2020).

Diante dessas afirmações e análises não é incomum que se encontre mais mulheres com problemas psicológicos relacionados a essas questões de trabalho do que homens essencialmente, pois a desigualdade está pesando muito mais para o lado feminino que para o lado masculino, de acordo com Corral apud Brasil (2004):

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres podem ser demonstradas pela diferenciação dos salários entre elas e os homens, mesmo quando realizam trabalhos idênticos, e também pelo crescimento do número de famílias pobres chefiadas exclusivamente por mulheres. (CORRAL apud BRASIL, 2004, p. 22).

Uma discussão importante, pois se pensarmos um recorte de classe, as mulheres das camadas populares enfrentam situações iguais e com recursos ainda menores para lidar com famílias grandes que são chefiadas por elas, o que certamente pode causar situações depressivas consideráveis. (PINTO et al., 2009).

A saúde mental no Brasil é um problema que precisa de urgente debate e de apresentações de soluções plausíveis para atender as demandas da população brasileira, principalmente a população das camadas mais populares. (ONOCKO-CMAPOS, 2019).

Quando vemos debates como esses nos perguntamos em quais condições as mulheres mais empobrecidas pelo sistema por exemplo, darão conta de seguir. Pois é um grupo que não tem acesso a salários dignos para custear as condições mínimas, básicas de subsistência, certamente não terá também as condições para acessar ao sistema particular de saúde para um tratamento psicológico. (CALDAS DE ALMEIDA, 2019).

Essas questões serão sempre deixadas de lado em detrimento de outras demandas mais urgentes como aluguel, comida, material escolar, saúde física, medicação, pagamentos de outras contas que estão mais relacionadas a sobrevivência imediata. Pessoas nessas condições só irão procurar um profissional

responsável quando o sintoma se tornar insuportável para dar conta do dia a dia, quando a inibição já der lugar à angústia (FREUD, 1926-1929).

4.2.2 Assédio no trabalho e saúde mental da mulher

As maiores vítimas de assédio no trabalho são as mulheres, sua condição de gênero muitas vezes leva os homens a pensarem que elas estão em situação de submissão, dependência e muitas vezes de escravização. Ainda existe no mundo a cultura de pensar que o corpo das mulheres não lhes pertence e sim aos homens e sobretudo de que elas devem obediência a estes.

Nas relações de trabalho essas questões são imperativas. A maioria dos assédios sexuais se dão com mulheres como vítimas e em muitos casos, não se vê um chefe gritar com um homem como ele grita com as mulheres. (BENEDICTO, 2019). Existe um consenso social patriarcal equivocado e violento de que as mulheres não merecem respeito, e isso vem estruturado na culturalmente.

Essa cultura autoriza os homens a serem rudes, indelicados e a se dirigirem as mulheres como se elas estivessem sempre abertas para o sexo, como se a obrigação da mulher fosse servir ao homem sexualmente sempre que este desejar. O que acontece nesses casos pode ser chamado de discriminação de gênero. De acordo com Higa (2016):

O sucinto esboço da justaposição das mulheres no mercado de trabalho demonstra que elas não foram e talvez ainda não sejam totalmente bem-vindas no ambiente laboral, pois a independência econômica alcançada pelo exercício de atividade produtiva desmonta o estado de sujeição aos homens e faz com que elas invadam um setor outrora exclusivo e compitam por posições de maior destaque. (HIGA, 2016, p. 490).

Com base na fala do autor, resgata-se a discussão do começo do texto, quando registrou-se que historicamente o mundo do trabalho era um local predominantemente masculino, ocupado por homens e a chegada da mulher no mundo do trabalho o que sempre foi um ambiente hostil e desde o primeiro momento em que a mulher entra, ela nunca foi bem recebida.

A mulher conseguiu demonstrar que ela tem as mesmas capacidades que os homens e em alguns casos se sai até melhor, e isso gerou na comunidade masculina insegurança e uma competitividade ainda maior. (PICANÇO; ARAÚJO, 2020).

O assédio sexual na relação de trabalho é uma conduta completamente passiva de repúdio, ela se caracteriza no ato de tirar vantagem de outra pessoa a partir de práticas constrangedoras, geralmente se dá de forma hierárquica e verticalizada, em sua maioria, partindo de um chefe homem contra uma mulher em condição de trabalho subordinada. (BENEDICTO, 2019).

Caracteriza-se por uma natureza sexual não solicitada, investida de forma não consentida e que atua diretamente na saúde mental da vítima. Quando se dá nas relações de trabalho, intimida a mulher de uma forma que ela não consegue reagir, por medo de perder o trabalho, de ser desacreditada ou por outras sanções. (BENEDICTO, 2019).

O assédio sexual pode se dar de forma verbal, não verbal, físico e até carregado de sutilezas, disfarçado de elogios, gentilezas, cuidados. O assédio sexual verbal se configura quando está pautado nos convites para sair, os “elogios”, os comentários sobre o corpo da mulher, as pressões para que algo aconteça, mensagens de texto, telefonemas, ou quaisquer outros atos que sejam feitos a partir de comunicação de linguagem falada ou escrita.

O não verbal está relacionado a olhares sugestivos, relação com pornografia como fotos, vídeos e outros conteúdos pornográficos e/ou eróticos, e por fim, na sua forma física é quando finalmente há o toque no corpo da mulher ou da pessoa que está assediada. (BARROS, 2009).

Esse modelo de relação quando se dá no trabalho afeta de forma direta as mulheres, principalmente as da classe trabalhadora, pois elas se sentem acuadas e por medo de perderem seu emprego, perder a renda, acabam não tendo coragem para fazer a denúncia, sem contar que na maioria das vezes esses problemas acontecem de forma verticalizada e as investidas vem de alguém que está em posição superior a elas.

Entretanto, é importante considerar que este assunto está cada vez mais discutido, pois as mulheres estão cada vez mais conscientes de que sofrer assédio não é mais uma coisa normal, como antes era considerada e as muitas campanhas das mídias, mais a ascensão dos debates feministas tem contribuído muito para essa

tomada de consciência e que para que seja investida uma luta contra esse tipo de violência. (SCHMIDT; KOCOUREK; FREITAS, 2019).

4.3 A MULHER, SAÚDE MENTAL E PANDEMIA COVID-19: A ARTE DE SE REINVENTAR

A pandemia da Covid-19 desenha um cenário inesperado na vida de todas as pessoas ao redor do mundo, trouxe um caminho de incertezas, medo, insegurança, tristeza. Aumentou o número de pessoas sem trabalho, sem renda e por incontáveis dias, obrigou toda uma população mudar drasticamente sua cultura, forçando o isolamento, diminuindo o contato humano, aumentando os contatos virtuais. E esse novo modo de olhar a vida afetou em diversos sentidos a saúde física e mental de todos os sobreviventes dessa enorme catástrofe.

As dificuldades enfrentadas na pandemia, afetaram de maneira brusca todas as classes sociais, mas, evidentemente, elas chegaram de maneiras diferentes para cada grupo, uns com mais, outros com menos impactos, a depender da condição financeira, de trabalho, de moradia e sem dúvida, de gênero. As mulheres foram atingidas de forma desigual nessa conjuntura agressiva e avassaladora (LIMA, 2020).

Ficou visivelmente claro que as mulheres sofreram mais com as demandas da pandemia, considerando as múltiplas tarefas que elas foram forçadas a crescer em suas jornadas, somando-se às já anteriores múltiplas tarefas. Entretanto, mesmo dentro deste grupo ainda é necessário fazer o recorte de classe, pois evidentemente, as mulheres da classe trabalhadora sofreram muito mais impactos que as mulheres com estratificação social mais elevada (LIMA, 2020).

Ninguém foi mais atuante e impactada no contexto pandêmico que a mulher mãe, provedora e trabalhadora. A mulher cujas raízes estão fincadas no seio da classe trabalhadora. Essa mulher foi uma das maiores prejudicadas em suas relações, pois ela assumiu uma multiplicidade de tarefas em casa e uma infinidade de coisas que foi necessário aprender para dar conta das demandas da família, da educação dos filhos e outras questões importantes.

Como já mencionado em outros momentos do texto, o trabalho doméstico no Brasil ainda é considerado predominantemente um trabalho feminino, fruto das relações patriarcais, não foi diferente na pandemia, entretanto, além de todos esses trabalhos a mulher precisou assumir outras funções que não estavam tão presentes

em sua vida, como as outras demandantes profissões que passaram a ocupar o lar das pessoas ao longo do isolamento social.

Uma das atribuições que passou a ser responsabilidade da mulher nesse período foi a educação escolar dos filhos, com a transição das aulas do presencial para o remoto, as mães passaram a se responsabilizar mais pela educação dos filhos, acompanhar mais de perto e por vezes, não poucas, fazer a função da professora, do professor dentro de casa. De acordo com Silva (2021):

Essas mulheres passam a ser responsáveis pelo acompanhamento da educação da criança e que precisou rever a rotina de compromisso com o trabalho produtivo, que gera renda. Aqui se vê claramente a inserção de uma terceira jornada de trabalho na vida dessas mulheres e que elas não são certamente um caso isolado nesse cenário. Com as imposições do isolamento social e com os impactos da pandemia global as mulheres passaram a encontrar mais dificuldades na relação com a família, motivo pelo qual, a educação dos filhos recaiu, principalmente sobre elas. (SILVA, 2021, p. 63).

Considerando a fala da autora, nota-se o protagonismo, mas também a sobrecarga de trabalho que recaiu sobre a mulher no enfrentamento da pandemia, pois a tarefa de educar a partir da sistematização do saber, ou seja, o processo de escolarização das crianças passaram a ser trabalho da família, e como a profissão professora faz parte de uma das profissões que refletem cuidados e maternidade, essa responsabilidade passou automática e involuntariamente a ser tarefa feminina na inconsciente, mas não neutra, divisão sexual do trabalho. (SILVA, 2021).

A pandemia da Covid-19 mudou completamente a forma de ser mulher, e nessa perspectiva das mulheres assumindo a função de professoras dos seus filhos, as mais desafiadas foram as mulheres com baixa escolarização, pois estas, além de estarem diante da obrigação desta tarefa, não davam conta de executar, pois não possuíam o conhecimento necessário para garantir a formação dos filhos em casa, o que afetou diretamente na autoestima e na autoconfiança desse grupo de mulheres (SILVA, 2021).

Este trabalho duplicado, triplicado e por vezes multiplicado que acerta a mulher é em todas as suas esferas, injusto pesado e empurra para um cenário solitário, onde o comprometimento psicológico ganha cena. Não se vê o cansaço, o esgotamento da mulher mãe, trabalhadora que está em processo de isolamento lutando pela sua vida, pela vida da família e trabalhando incansavelmente para manter as coisas em ordem.

Ao mesmo tempo que ela protagoniza todas as etapas da sua vida e da sua família, ela está vivendo uma jornada de solidão com pouco ou nenhum apoio.

O processo de desgaste pelo trabalho gera um desgaste emocional na mulher que a vai levando a desenvolver possíveis problemas de saúde física e mental. O número de mulheres com ansiedade aumentou consideravelmente ao longo da pandemia, em geral, mulheres que começaram a se preocupar em não dar conta e todas as demandas que lhes eram confiadas, mulheres que se depararam com o medo de morrer, de perder pessoas da família, perder emprego, entre outros fatores, segundo Souza, Souza e Praciano (2020):

Pesquisas recentes têm evidenciado maior prevalência de sintomatologia para estresse, ansiedade e depressão na população feminina durante a pandemia da COVID-19. Antes da variável distanciamento social, a vulnerabilidade emocional feminina estava tanto vinculada com as alterações hormonais durante o período pré-menstrual, pré e pós parto e menopausa, quanto com as desigualdades de gênero, as quais fortalecem sobrecargas trabalhistas e a violência contra a mulher. Paralelamente à consolidação das restrições sociais, os índices de violência doméstica, sexual e de gravidez indesejada cresciam em decorrência da maior permanência do homem no lar, o que contribui para a significativa prevalência de quadros clínicos psíquicos nas mulheres durante esse período. Ademais, destacam-se como variáveis possivelmente de risco para o comprometimento da saúde-mental da população feminina durante o distanciamento social: ser adulta jovem, residir em regiões com elevados índices de casos e mortalidade da COVID-19, possuir antecedentes de ansiedade e depressão, fazer uso de medicamentos, atividade física e lazer reduzidos ou ausentes e encontrar-se desempregada. (SOUZA; SOUZA; PRACIANO, 2020, p. 663).

Os autores destacam fatores extremamente importantes para pensar o debate em torno da saúde mental das mulheres nesse período, com isso, pensar essa mulher trabalhadora que está completamente atarefada com as demandas da casa e que enfrentaram outros problemas familiares que embora não sejam o objetivo de debate deste trabalho, não podem deixar de serem citados, pois são fatores que estão intimamente ligados as questões de saúde mental das mulheres da classe trabalhadora, entre eles, a violência doméstica e imposição da maternidade.

Mas, não apenas isso, a classe feminina esteve completamente exposta a uma infinidade de fatores que levaram a um processo de adoecimento enquanto enfrentavam a pandemia, foram muitas as dificuldades que foram encontradas no

processo de luta pela sobrevivência e foi nesse caminho da luta que muitas delas se depararam com problemas que infelizmente acarretaram em estresse, ansiedade e até mesmo depressão, muitos desses problemas independiam da vontade ou dos esforços das mulheres, eram problemas externos, mas que repercutiam diretamente em suas vidas, para Souza; Souza e Praciano (2020):

A crise advinda da pandemia do novo coronavírus repercutiu, além de déficits no sistema de saúde, em aumento do desemprego e cortes salariais. Sabe-se que instabilidades econômicas são situações que predisõem o surgimento de transtornos mentais, o que torna relevante a implementação de estratégias que amenizem esses impactos, através de cursos *online* de capacitação para pequenas empreendedoras, estratégias de auxílios as já existentes, além de medidas trabalhistas que assegurem o emprego das mulheres. (SOUZA; SOUZA; PRACIANO, 2020, p. 664).

No contexto da pandemia, principalmente em seus primeiros anos, o que mais se vivenciou em todo o mundo, foram perdas e mais perdas de pessoas que eram afetadas pelo vírus da Covid-19 e não conseguiam resistir, sendo levadas a óbito. O mundo presenciou uma onda de luto coletivo, onde no dia a dia as pessoas eram bombardeadas com as notícias das mortes e aumento dos casos e isso afetava de uma maneira muito direta a população como um todo.

As pessoas estiveram diretamente contatadas pela possibilidade de terminalidade e de finitude, mesmo quando as mortes não aconteciam no centro das suas famílias ou com pessoas mais próximas do seu círculo social, foi gerado uma onda de empatia pelo numeroso índice de mortalidade que assolava o mundo cotidianamente ao longo dos primeiros dois anos pandêmicos. “Assim, entende-se que as implicações psicológicas desencadeadas pela COVID-19 podem ser mais prevalentes e duradouras que o próprio acometimento pela doença” (CREPALDI, et al., 2020, p. 3).

As consequências das mortes pela covid são irremediáveis, pois se trata de pessoas que em sua maioria, levavam uma vida normal, com saúde, ou até mesmo com alguma comorbidade, mas com a doença controlada e de repente se deparou com uma doença completamente nova que ceifou sua vida.

Os impactos disso na vida de quem fica para sobreviver ao luto é devastador, a pessoa enlutada precisa elaborar o processo da perda e isso não é uma tarefa fácil na vida, considerando que além do processo de elaboração, ainda há as demandas

de vida e de trabalho que são muitas. “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.” (FREUD, 1915/2011, p. 48).

Considerando a perspectiva do significado de luto em Freud, cabe uma reflexão sobre os impactos que a pandemia causou na vida das mulheres para além das relações de trabalho, mas a partir das relações de perdas também, perdas de objeto, de pessoas, perspectivas, sonhos, esperanças, de segurança.

4.3.1 Mulher e trabalho no contexto da pandemia

Um dos maiores problemas que afetaram a vida das mulheres no contexto da pandemia está ligado as relações de trabalho. As mulheres de um modo geral já são sobrecarregadas com duplas, múltiplas jornadas de trabalho e atividades que realizam durante o dia, dentro ou fora do lar.

Quando se instaurou a pandemia, as pessoas se obrigaram a cumprir um isolamento social, que consistia em ficarem trancadas dentro de casa, saindo somente quando necessário, utilizando todas as medidas de segurança, a fim de evitar o contágio e diminuir a proliferação do vírus da Covid-19. (SOUSA; TEIXEIRA; LORETO BARTOLOMEU, 2011).

O *home office*, trabalho adotado no contexto da pandemia, que consiste no trabalho exercido a partir do próprio lar, é um modelo de trabalho que dinamiza a vida das pessoas, permitindo que elas tenham mais liberdade com seus horários, com as suas demandas de família, mas ao mesmo tempo, traz seu lado negativo que é o de retirar a barreira do início e do fim do trabalho, considerando que o trabalhador está com o trabalho a todo tempo a seu alcance, corre o risco de criar uma relação de trabalho sem limites para terminar.

Considerando que o trabalho está ali, a todo o tempo ao alcance das mãos do trabalhador, a apenas um passo, nem sempre se tem as condições de impor o limite do fim do trabalho, as pessoas passam a trabalhar mais tempo, sem intervalo real de descanso, atender demandas a todo o tempo e com isso acumulando uma sobrecarga de trabalho. (FILARDI; CASTRO, 2017).

Com essa nova forma de viver, as pessoas que exerciam funções de trabalho cujas atividades eram essenciais para a sobrevivência, passaram a levar seus trabalhos para dentro das suas casas e passaram a trabalhar de dentro dos seus lares,

houve, portanto, uma drástica mudança na cultura, na forma de se relacionar que trouxe vários impactos para a vida das pessoas e, sem dúvida, as mulheres foram bastante afetadas nesse contexto. (MELO, 2021).

Às mulheres essas relações de trabalho dificultaram ainda mais, pois ao alcance delas estava o trabalho formal mais o trabalho doméstico. Não havia uma separação do que era o momento de trabalhar, descansar, organizar a rotina diária da casa, dos filhos e/ou cuidados pessoais. Houve um grande acúmulo de trabalhos diversos. (MACEDO, 2020).

Existe, considerando a divisão sexual do trabalho uma sobrecarga em cima do feminino, pois as mulheres estão sempre sendo submetidas a trabalhos que demandam que elas sejam cuidantes ou “mães natas”, e dentro do cenário da pandemia, com a adoção das atividades de trabalho em *home office*, essa injusta distribuição de trabalho se intensificou, gerando na mulher, exaustão, cansaço, vulnerabilidade, entre outros fatores, de acordo com Silva et al., (2020):

O trabalho desenvolvido dentro do lar acabou privando as mulheres do seu escasso tempo de descanso, não há horário estipulado para o início e término de atividades, assim o trabalho público invade o ambiente privado, acarretando um acúmulo de atividades que podem gerar inclusive problemas psíquicos e exaustão. (SILVA, et al., 2020, p. 153).

Conforme as autoras estabeleceram, este ambiente de trabalho como está posto, acarreta em problemas diversos na vida das mulheres, inclusive podendo gerar impactos na saúde psicológica, considerando que as mulheres, dentro desse panorama, perderam em sua maioria seu tempo de descanso e cuidado consigo mesmas.

Outro grupo de mulheres que foram afetadas pela pandemia, foram as mulheres que precisavam enfrentar a pandemia fora de casa, cujas atividades de trabalho não eram possíveis ser realizadas a partir do trabalho em *home office*. Ainda em março de 2020, quando começaram a ser descobertos os primeiros casos de Covid no Brasil, as autoridades sanitárias passaram a adotar medidas de segurança que incluíam o fechamento de algumas atividades do ramo do comércio e o fechamento de todas as escolas e creches.

As mães trabalhadoras passaram a sofrer esse impacto, pois parte das mães das camadas populares, dependem desse local para deixar seus filhos e passarem a

exercer suas atividades laborais fora de casa. Passaram ainda a não ter rede de apoio, pois não poderiam contar também com mãe/pai/avô/avó, pois estes faziam parte do grupo de risco. (SILVA et al., 2020).

A maioria das mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas, operadoras de supermercado, entre outras atividades, não conseguiam exercer essas atividades a partir das suas próprias casas, pois são atividades práticas que demandam a presença da pessoa para que o trabalho seja exercido, de acordo com o Jornal o Globo:

Nos Estados Unidos, cerca de 54% das mulheres empregadas nos setores sociais não conseguem trabalhar de casa. No Brasil, essa porcentagem sobe para 67%. Nos países de baixa renda, apenas cerca de 12% da população, no máximo, consegue trabalhar a distância. (O GLOBO, 2020, p.1).

Os dados apontam que mais da metade das mulheres trabalhadoras não conseguiram se adequar às novas relações de trabalho impostas pela pandemia, considerando que precisavam não apenas delas mesmas para continuarem no mundo trabalho, mas de uma rede de apoio que lhes foi cortada de uma forma brusca, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), apontou que mais de sete milhões de mulheres deixaram seus trabalhos logo nos primeiros quinze dias de pandemia. (IBGE, 2020).

Com isso, essas mães não perderam apenas seus trabalhos, mas perderam sobretudo, direitos fundamentais como salário, vale-alimentação, plano de saúde, descanso semanal remunerado, tempo de aposentadoria, o que acarreta em uma perda significativa da liberdade financeira e de conceitos de dignidade e de direitos. (SILVA et al., 2020).

Perder o trabalho, acarreta ainda na dificuldade em garantir o sustento da família, em situações em que a mãe é a chefe e família e única provedora, isso cria uma vulnerabilidade social e psicológica que afeta a vida da mulher, colocando-a em situação de estágios depressivos ou até mesmo uma relação delicada com sua própria saúde mental.

O desemprego de um modo geral é um fator que desencadeia graves problemas familiares, sociais e de autoestima, considerando que barra a inclusão do

indivíduo ao consumo e ao acesso a elementos de primeira utilidade como itens necessários para a subsistência. (ARGOLO; ARAÚJO, 2004).

O desemprego é um assunto discutido a nível mundial, pois repercute diretamente na vida individual e também na vida coletiva, é uma construção social, um problema que nasce das relações estruturais políticas e econômicas e que incide na vida das camadas populares, retirando-lhes direitos básicos como acesso a alimentação e moradia dignas, afetando, sem sombra de dúvida a saúde mental deste público. (BARROS; OLIVEIRA, 2009).

Desta forma, o desemprego foi um dos maiores vilões na vida das mulheres no contexto da pandemia, algumas saíram de seus trabalhos por não terem mais acesso as creches, fechadas obrigatoriamente pelas medidas de segurança, outras, não tiveram acesso, outras foram demitidas no processo de redução de funcionários nas empresas, e isso foi dificultando ainda mais a vida da mulher da classe trabalhadora, pois ela foi ficando completamente refém do pavor da morte, da falta de dinheiro, das múltiplas profissões que precisou improvisar e sobretudo, do excesso de cuidados com a família e o mínimo de cuidados consigo mesma. (SILVA et al., 2020).

O problema do desemprego afeta socialmente a vida das pessoas, mas é sobretudo um problema de cunho individual, a partir do momento em que as pessoas não tem mais acessos aos bens ou consumo que antes tinham, ela passa a se sentir em uma espécie de isolamento do seu círculo social e das demais pessoas que conseguem acessar o que ela não consegue mais e com isso, ela vai sofrendo impactos psicológicos como a falta de desejo pela própria vida (LIMA; COSTA; BENDASSOLI, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de abordagem das relações sociais de trabalho, ficou evidenciado o quanto as mulheres ainda estão aquém dos homens quando o assunto é desenvolver as mesmas funções dentro de uma empresa e não receberem a mesma remuneração, e mais absurdo ainda: este problema está longe de ser sanado e não faz parte de um debate constante na sociedade, pois, por vezes, nem a própria mulher está a par do que está acontecendo.

Os processos das relações sociais de trabalho ainda se agravam mais, quando o assunto é o trabalho doméstico, um trabalho sem o qual ninguém consegue manter sua sobrevivência, mas que é invisibilizado exatamente porque é um trabalho realizado por mulheres.

Culturalmente este trabalho foi atribuído às mulheres e tornou-se um paradigma que, embora se esforce muito para ser quebrado, ainda é uma realidade muito atual. Demandar apenas da mulher que este trabalho seja desenvolvido é o que faz com que ela assume mais de uma jornada de trabalho por dia, gerando graves consequências físicas e também no âmbito psicológico.

Ao longo da constituição do trabalho foi necessário também fazer um recorte das relações de trabalho feminino no cenário da pandemia, e ficou ainda mais evidenciado o esgotamento da mulher, pois todas as jornadas e acúmulos de tarefas se intensificaram associadas ao medo, insegurança, incertezas e a mais novas tarefas que ela precisou assumir como a educação escolar dos filhos, por exemplo.

No curso das leituras das bibliografias selecionadas, foi possível identificar que as mulheres estão sofrendo um processo de adoecimento mental que está relacionado às muitas demandas que ela precisa assumir para dar conta dos cuidados com a família, de buscar o seu sustento e dos filhos, considerando que há um alto número de mulheres que são chefes de família, garantir o sucesso no trabalho ou constituir uma profissão.

São muitas as cobranças que vem sendo sofridas e nem sempre é possível manter a saúde física, a sanidade e o equilíbrio em meio a tantas avalanches. Considerando todas dificuldades já citadas no decorrer da pesquisa, conclui-se ainda que a saúde mental das mulheres da classe trabalhadora é um assunto que precisa ser abordado com bastante cuidado e é uma questão de saúde pública.

Conclui-se ainda que a saúde mental da mulher no panorama do mundo do trabalho vem sendo afetada por diversos fatores que as mulheres atravessam ao longo das suas vidas: elas têm sofrido impactos grandes dentro dos seus ambientes de trabalho que vão desde suas relações profissionais com seus superiores, que muitas vezes são configuradas por assédio moral e sexual, enfrentam a discrepante diferença salarial com relação aos homens.

São afetadas pela sobrecarga das múltiplas jornadas de trabalho, com a educação dos filhos e gestão da casa que recaem exclusivamente sobre elas, e, sobretudo com as dificuldades enfrentadas para a superação desses problemas que estão cada vez mais afetando suas relações de saúde.

É urgente pensar mecanismos que atendam a mulher trabalhadora em suas demandas emocionais, pois a população feminina, historicamente vem atravessando dificuldades avassaladoras que cada vez mais vem causando problemas de ordem psicológicos e nem sempre são olhados com a atenção que deveriam.

Discutir a condição da mulher no âmbito trabalho é um tema que não se esgota, pois a todo tempo a mulher está sendo condicionada e impelida a assumir tarefas que poderiam facilmente estar divididas de forma justa e igualitária.

Há uma infinidade de questões aparentemente simples, outras absurdas que já deveriam estar superadas, mas que ainda fazem parte do cotidiano das mães, donas de casa, trabalhadoras e que estão gerando nelas uma sobrecarga de demandas, por vezes, completamente prejudiciais.

Estudar, pesquisar, aprofundar a temática da mulher contemporânea é mergulhar em um campo de incertezas, é se deparar com assuntos que precisam ser debatidos e rediscutidos copiosamente, pois nas modernas relações sociais, ainda não foi superada a lógica do patriarcado e do machismo, conceitos que lutam para manter a reprodução das desigualdades de gênero, ampliando uma segredada divisão sexual do trabalho, num panorama em que a mulher está sempre sendo prejudicada física, psicológica e financeiramente.

Por fim é preciso pensar em investimento de mecanismos que ajudem a mulher a se prevenir e a lidar com os problemas psicológicos, e isso consiste em pensar, além dos atendimentos especializados e com qualidade que devem ser oferecidos pelo sistema público de saúde, investir em incentivo a atividades que fortaleçam e fomentem uma rotina de vida saudável para as mulheres.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Grazielle Alves; VIEIRA, Adriane. A Mulher e a Tripla Jornada de Trabalho: a Arte de Ser Beija-Flor. In: **ENCONTRO DA ANPAD**, 2009, São Paulo. Anais ANPAD. São Paulo: Anpad, 2009. p. 01 - 16.
- ARGOLO, J. C. T. & ARAÚJO, M. A. D. O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Revista de Administração Científica**, 8, 4, 161-182. (2004, OUT./DEZ.).
- ARAÚJO, Adriane Reis. Assédio moral organizacional. In: ARAÚJO, Adriane Reis de. Assédio moral organizacional. **Revista do Tribunal Superior do Trabalho**, Porto Alegre, v. 73, n. 2, p. 203-214, abr./jun. 2007.
- ARAUJO, Rubenilson Pereira de. Brincadeiras De Masculinidades, (Re) Configurações Familiares E Relacionamento Interrelacional Em Menino Brinca Com Menina?, De Regina Drummond. **Revista Humanidades e Inovação** v.5, n. 3 – 2018.
- AZEREDO, V. G. Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. **Serviço Social e Sociedade**, n. 103, p. 576-590, 2010.
- BARROS, C. A., & OLIVEIRA, T. L. Saúde mental de trabalhadores desempregados. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 9(1), 86-107. 2009.
- BENEDICTO, L. **Assédio sexual nas relações de trabalho**. Centro Universitário Toledo Araçatuba, 2019. Disponível em < <https://servicos.unitoledo.br/repositorio/bitstream/7574/2261/3/ASS%C3%89DIO%20SEXUAL%20NAS%20RELA%C3%87%C3%95ES%20DE%20TRABALHO%20-%20LARISSA%20BENEDICTO.pdf>>. Acesso em 28/05/2022.
- BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **R. Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v.23, n.2, p.331-53, jul./dez. 2006.
- BRUSCHINI, C.; RIDENTE, S. Família, casa e trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, n. 88, p. 30-36, 1994.
- CALDAS DE ALMEIDA J.M. Política de saúde mental no Brasil: o que está em jogo nas mudanças em curso. **Cad Saúde Pública** 2019; 35:e00129519.
- COSTA, I. R.; ANDROSIO, V. O. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. Disponível em <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>>. Acesso em 07/02/2022.
- CREPALDI, M. A., SCHMIDT, B., N., BOLZE, D. S., AZEREDO, S. D., & GABARRA, L. M. (2020). Terminalidade, Morte e Luto na Pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, 37, e200090. 2020.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, do Estado e da Propriedade Privada**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 17: **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos** (1926-1929) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 1 a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (2011). **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo, SP: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1915).

FILARDI, F.; CASTRO, R. M. P. de. **Análise dos resultados da implantação do teletrabalho na administração pública: Estudo dos casos do SERPRO e da Receita Federal**. Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 41, 2017. São Paulo, Anais... São Paulo: ANPAD, 2017.

GOLDANI, A. M. Família ou famílias? Individuação das mulheres e evolução da família como instituição. Retratos de família em tempos de crise. **Estudos Feministas**, n. 94, p. 330-335, 1994.

GLÓRIA, E.S. **A liberdade voa de saia: a mulher no seu processo histórico e o trabalho feminino no campo**. Ministério da Educação. Fundação Universidade Federal de Rondônia Campus de Ariquemes Departamento de Ciências Da Educação. Ariquemes – Rondônia, 2015.

HIGA, F. L. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?. **Revista Direito GV: SÃO PAULO**. V. 12 N. 2 484-515. Mai-Ago, 2016.

HOSPITAL SANTA MÔNICA. **Estudo: diferença salarial afeta saúde mental feminina**. Disponível em < <https://hospitalsantamonica.com.br/2102-2/> >. Acesso em 22/02/2022.

JESUS, J.C. **Trabalho doméstico não remunerado no Brasil: uma análise de produção, consumo e transferência**. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG. Belo Horizonte – MG, 2018.

LOPES M.N., DELLAZZANA-ZANON L.L., BOECKEL M.G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas Psicol.** 2014 [cited 2017 Oct 18];22(4):917-28.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia covid-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v.12, n. 2, p.187-204, mai./ago. 2020.

MAINARDI, G. M.; CASSENOTE, A. J. F.; GUILLOUX, A. G. A; MIOTO, B. A.; SCHEFFER, M. C. O que explica as diferenças salariais entre médicos brasileiros e médicas? Um estudo transversal nacional. **Revista Médica BJM Open**. 2018.

MARIANO, S. A.; CARLOTO, C. M. Gênero e combate à pobreza: Programa Bolsa Família. **Estudos Feministas**, v. 7, n. 3, p. 901-908, 2009.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

MARTINI, M. T.; SOUZA, Fernanda. Mulher do Século XXI: conquistas e desafios do lar ao lar. In: VI **Congresso Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão** (CIEPE), 2016, Rio do Sul - SC. Resumos - VI CIEPE - Congresso Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão. Rio do Sul - SC: Editora Unidavi, 2016. p. 346-346

MENUTI, J. F. **Movimento Sufragista e a conquista do voto feminino no Brasil**. Disponível em <file:///C:/Users/aluno/Downloads/9326-Texto%20do%20artigo-38908-1-10-20180717.pdf>. Acesso em 03/03/2021.

MORAES, Érika. **Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de Maitena**. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro. (orgs.) Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas. Maringá: Eduem, 2012, p. 259-285. Disponível em <<https://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>>. Acesso em 20/03/2022.

NARVAZ, M. G., & KOLLER, S. H. (2006) Famílias e patriarcado: da prescrição normativa a subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, 18(1), 49-55.

NASCIMENTO, A. C. O. (2016). A Influência da Ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis. **Revista em Pauta**, 37(14), 296-318.

ONOCKO-CMAPOS, R.T. Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios. **Cad Saúde Pública** 2019; 35:e00156119.

PICANÇO, Felícia; ARÁUJO, Clara. Conflitos desiguais: homens e mulheres na articulação casa-trabalho no Brasil. Século XXI: **Revista De Ciências Sociais**, v. 9, n. 3, p. 720-749, 2020.

PINTO, R. M. F. et al. Condição feminina de mulheres chefes de família em situação e vulnerabilidade social. **Serviço Social & Sociedade**, n. 105, p. 167-179, 2011.

SANTOS, M.M. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Katálysis**, v.13, n.1, p.11-9, 2010.

SCHMIDT, J.; KOCOUREK, S.; FREITAS, K. O. Violência contra as mulheres no trabalho: o assédio sexual em uma universidade federal. **XIX Colóquio Internacional de gestão universitária**. Florianópolis – Santa Catarina, 2019.

SCHNEIDER, Graziela. **A revolução das mulheres [recurso eletrônico]: emancipação feminina na Rússia Soviética** / organização Graziela Schneider; [tradução Cecília Rosas, [et al.]. São Paulo: Boitempo, 2017.

SILVA, Rosângela dos Santos. **Educação do campo em tempos de pandemia do Covid 19: Fazer possíveis em Ji-Paraná**. Universidade Federal de Rondônia. -- Ji-Paraná, RO, 2021. [Trabalho de Conclusão de Curso].

SILVA, M. P.; BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A. Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 2016.

SILVA, Juliana, Marcia Santos, et al. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista femininos**. Vol.8, N.3, Set. - Dez. 2020.

SOUSA, L.; GUEDES, D. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, 30(87), 123-139.

SOUSA, R.P. GUEDES, D.R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 2016.

SOUSA, I.F., TEIXEIRA, K.M.D., LORETO, M.D.S., & BARTOLOMEU, T.A. (2011). “... **Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer: hoje eu não vou ser mãe!**”: **trabalho, maternidade e redes de apoio**. *Oikos: Família e Sociedade Em Debate*, 22(1), 46-63. Disponível em <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3610>>. Acesso em 25/05/2022.

SOUZA, A.S.R.; SOUZA, G.F.A.; PRACIANO, G.A.F. A saúde mental das mulheres em tempos da COVID-19. **Rev Bras Saúde Mater Infant**. 2020;20(3):659-61

TOLEDO, C. **O gênero nos une, a classe nos divide**. Disponível em <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/cecilia-marxismo_o_genero_nos_une.pdf>. Acesso em 15/12/2021.

TOLEDO, Cecília. **Mujeres: El género nos une, la clase nos divide**. Santiago de Chile: Editorial Quimantú, 2009.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**. São Paulo, 2005, vol. 21, n. spe, p. 207-238. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/delta/a/9zX7SwFpWpng6tcncZnsrdj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20/03/22.

ZART, P. E. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminina e o princípio da igualdade**: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico. Lajeado/Rio Grande do Sul: UNIVATES, 2019.



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Sthefani Bispo Santos

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 30.08.2022

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **9,59%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet

Suspeitas confirmadas: **9,48%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados

Texto analisado: **94,96%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.8.3
terça-feira, 30 de agosto de 2022 12:45

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **STHEFANI BISPO SANTOS**, n. de matrícula **32025**, do curso de Psicologia, foi aprovado na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 9,59%. Devendo a aluna fazer as correções necessárias.

(assinado eletronicamente)

HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Central Júlio Bordignon Centro Universitário Faema – UNIFAEMA